

Notas da Assembleia de Escola de Comunidade São Paulo (12/06/2016)

Introdução: Boa tarde a todos! Aproveitando da presença do Bracco, que está em São Paulo, vamos fazer uma assembleia de Escola de Comunidade, também para que possamos compartilhar o que tem acontecido após os Exercícios da Fraternidade, o Dia da Revista, e tudo aquilo que tem acontecido de bonito conosco. Então, eu gostaria que as pessoas pudessem aproveitar desse momento para comunicar aquilo que têm vivido. Eu acho que nada é mais importante, para a experiência do Movimento, que comunicar algo que aconteceu, para ajudar na vida das outras pessoas.

Intervenção: Eu gostaria de começar agradecendo ao Bracco pelo que ele escreveu na última revista ([A renovação da política começa da descoberta do eu](#)), porque para mim foi uma ajuda indescritível para compreender a situação política (e não só política) que o Brasil passa. Eu queria contar para vocês uma coisa que aconteceu comigo nessa semana, que me ajudou a entender e que me colocou algumas questões. Terça-feira às 7h30 da manhã, eu entrei na minha sala, na faculdade, e chegou uma mensagem de um dos meus alunos que faz Escola de Comunidade no nosso grupinho da medicina, pedindo para conversar rapidamente naquela hora, e eu respondi que sim. Então, ele chegou lá às 7h45 da manhã, e me fez uma pergunta. Tem um projeto de extensão muito famoso, que nas regiões internas do Brasil faz atendimento médico, que os alunos de medicina vão, mas é muito concorrido porque são poucas vagas, e, para o 3º ano (que é a turma deles), eram mais de 80 interessados para 10 ou 12 vagas. Com isso, tem uma prova inicial teórica, muito difícil, e, depois, uma dinâmica de grupo e entrevista para selecionar quem são essas pessoas. Quando o grupo de Escola de Comunidade começou, ninguém passou pela prova teórica a não ser um deles. Ele tinha, então, que se preparar, em uns dois dias, para a entrevista e me perguntou assim: “Alexandre, é bem concorrido, você sabe, e é de costume perguntar se a gente faz algum tipo de trabalho voluntário, porque isso pesa, isso diferencia – quem é só um “nerd”, e passou bem na prova, de quem tem uma posição humana –, e isso contaria na seleção. Eu não sei o que responder, como me comportar nessa entrevista”. E eu fiquei uns 10 minutos dando dicas de como se comportar em uma entrevista, do que se deve falar e tal. Depois de 10 minutos, ele falou: “Não, acho que você não entendeu; eu posso falar que eu faço caritativa, mas eu faço caritativa gratuitamente, não faço para enriquecer o meu currículo. E, eu tenho uma dúvida, porque se eu falo, isso perderia alguma coisa do por que eu faço caritativa”. Naquela hora, eu fiquei muito envergonhado, porque quando eu estava concorrendo para pediatria eu pus “faço serviço voluntário” e isso contou no concurso. E percebo que esse rapaz olhava para as razões do por que ele faz caritativa muito melhor do que eu olhava quando prestei o concurso para pediatria, e muito melhor do que eu olho hoje. E, diante disso, eu falei: “Eu não sou capaz de te responder! Isso diz respeito a você e ao mistério de Deus”. Depois disso, nós tivemos Escola de Comunidade e jantamos juntos, e depois do jantar ele falava para todos dessa pergunta que ele tinha e da nossa conversa, e nos contou: “Eu, então, me dei conta de que era eu quem deveria me colocar diante dessa questão, e me perguntei: mas o que para mim é importante? O que eu mais quero na minha vida nessas situações e nesse contexto? E eu me respondi: aquilo que eu mais quero é aquilo que o Senhor incide. Há um ano eu não tinha fé e encontrei o Movimento, e eu não vivia nada e, com o Movimento, eu passei a viver porque eu passei a fazer experiência das coisas, e o que eu mais quero é não perder isso. O que eu mais quero é ser inteiro dentro do meu estudo, é ser inteiro com a minha namorada, é ser inteiro dentro da amizade com vocês. É isso que faz um ano que estou experimentando, e isso é mais importante do que tudo o que eu mais quero. A caritativa foi uma via essencial para isso e, por causa disso, eu não vou falar, não vou falar porque não quero correr nenhum risco de perder o real motivo pelo qual eu faço isso, que é gratuidade, nada em troca!”. Eu não sei a resposta final, mas isso me fez lembrar outra coisa do ano passado e de quando eu propus o Fundo Comum e, no mês que eu esqueci de pagar pedi a um rapaz para que me lembrasse e ele me disse: “Não, não vou te lembrar. Porque você nos explicou que o Fundo Comum é um exercício da liberdade para reconhecer o que vale

na própria vida, e, se eu te lembro, eu te poupo esse exercício”. Eu estou contando tudo isso porque me chamou muita atenção, pois tem algumas maneiras de seguir e obedecer, mas tem uma maneira de seguir e de obedecer que é você tornar tão tuas as razões que te deram para fazer uma coisa que aquilo se torna mais teu do que daquele que te propôs. Você entende mais o significado do que aquele que inicialmente te propôs, e você ensina àquele que te propôs o sentido daquelas coisas.

Bracco: Eu te agradeço pelo que contou. Primeiro, pelo testemunho que é poder ter entre nós esses garotos; lembrou-me aquilo que Carron falou, há um tempo atrás, de que nós precisamos sempre que aquilo que já sabemos se encarne de novo, como o Angelus, para que possamos nos dar conta. E, quando acontece isso com nossos amigos, que talvez encontraram o Movimento conosco, é de cair de joelhos, de gratidão pela misericórdia. Não preciso ter medo de olhar a minha miséria, porque é só quando eu sinto que a minha humanidade é assim que eu preciso voltar a olhar quem me olha assim, quem me devolve a vida. Então, nós temos que verificar, na nossa experiência, quando fazer Escola de Comunidade é isso; quando eu preciso, durante o dia, ler alguma coisa porque senão eu não vivo, porque senão eu olho a minha esposa mal, eu não consigo olhar os meus filhos. Não é que tem que fazer mais Escola de Comunidade para (quase que) cumprir um dever ético, não! A gente tem que sentir do que precisa para viver. Quais são os olhos que me devolvem o respiro, que me fazem voltar a aguentar (a aguentar, primeiro, os meus limites, as minhas fraquezas, e, depois, aguentar a vida)? Então, quando a Escola de Comunidade é assim, não é que também não precisa de um trabalho, porque, às vezes, estamos sem vontade de fazer nada e fazer aquele momento de silêncio (porque você quis fazer ou porque você sabe o que te proporciona), aquela experiência, é como se te fizesse voltar a uma experiência inesperada. Muitas vezes para mim é assim: eu não consigo começar o meu dia de manhã sem fazer o meu silêncio (algumas vezes eu não faço); e por que eu não consigo ficar sem fazer? Porque eu logo me dou conta de como eu trato tudo, como trato diferente tudo. Quando você tem no canto dos olhos alguém que te reconstrói, que te fala do teu “eu” verdadeiro, onde você se sente amado, se sente estimado, mas quando eu não volto a me sentir olhado assim, tudo aquilo que eu olho é mais feio, eu sou mais determinado por um monte de outras coisas. Mas aquilo que me marca mais de tudo isso é que o nosso pecado ainda nos escandaliza, os nossos limites nos escandalizam, não conseguimos olhá-los, não os sentimos ainda como recursos, somos como impermeáveis a eles. Por isso, outro dia, o Papa falou: qual é o receptáculo (receptor) da misericórdia? Quer dizer, qual a coisa que nós temos que mais pode atrair a misericórdia, que mais pode conter a misericórdia? E, ele falou assim: o nosso pecado! Porque quando nós começamos a ver o nosso pecado como sendo a minha sede, o meu limite, a minha miséria, como um grito, quando eu consigo ver isso, é como se o meu coração se formasse de novo; isso me torna consciente do meu coração de novo, me devolve o meu coração de novo, e, assim, a misericórdia pode entrar de novo. Mas, quando não temos essa consciência, nós somos como um escorredor de macarrão e pode chegar um monte de misericórdia, mas logo vai embora. O nosso coração como um escorredor de macarrão! Por quê? Porque não sentimos mais a nossa humanidade, a nossa humanidade está toda furada, então não cabe a misericórdia lá dentro, acontece um monte de coisas e eu vou embora.

Intervenção: Bom, vou falar só algumas coisas que me marcaram das férias dos colegiais. Fomos em três educadores, e dezoito meninos aqui de São Paulo, e somente três haviam ido já a alguma férias do Movimento, novidade para todo mundo! Tinha muito trânsito e cheguei bem cansada em São João Del-Rei, já recebendo mensagens pelo caminho “os meninos de São Paulo vão ficar todos em barracas”, e fiquei já pensando como ia ser esse lugar. Na hora que eu entrei no salão, pequeno e lotado de colegiais, um pulando em cima do outro naquela confusão, a sensação que eu tive era a de um caos, a vontade que eu tive foi a de sair correndo dali, sinceramente. Mas o Senhor foi muito abundante em graças nessas férias, graças muito explícitas, e eu acho já fui que em mais de vinte férias dos colegiais. É impressionante porque o Senhor faz as graças como Ele quer e quando quer. Aquele caos daquela primeira noite foi entrando em uma ordem, não numa ordem que eu imaginava: era para dormir em barraca mesmo, o espaço era pequeno, poucos banheiros... não era

uma ordem que eu imaginava, a ordem humana, mas foi entrando em uma harmonia que é Deus quem faz, e foi ficando bonito. A gente fez uma caminha para o alto de uma montanha, e todos falaram da beleza dos cantos que fizemos lá em cima, algo surpreendente; foram os cantos de sempre, nada de excepcional, mas tinha uma beleza Divina, parece que Deus estava falando “toma esse balde de graças para vocês”, e foi impressionante. Os meninos de uma docilidade diante de todas as dificuldades, docilidade e uma profundidade ao olhar para as férias e de fazer uma experiência, não de uma forma leviana e de uma forma superficial – como que para curtir momentos legais. Muitos meninos novos, de idade e de experiência do Movimento, com uma docilidade e uma profundidade que me deixaram impressionada. E eu voltei com uma liberdade diante dos meus alunos que foi estupenda, aquela primeira semana de aula e, até hoje, ainda gozo dessa liberdade muito grande ao estar diante dos meus alunos, aos quais eu convidei, mesmo que ninguém tenha ido. E eu estou grata por mais uma vez Deus ter se manifestado de uma forma tão evidente entre nós.

Intervenção: Eu queria agradecer às pessoas que levaram os colegiais, a gente sentiu essa diferença em casa. Meu filho foi para as férias dos colegiais bastante desejoso. Foi uma coisa que, para a gente, foi muito bonito, em casa, perceber que ele também estava desejando fazer essa experiência, e, mesmo ele tendo chegado sem contar muita coisa, ele voltou mudado, voltou com o rosto diferente, voltou com um desejo, e a gente percebeu que ele fez um encontro. Eu acho que a vida da gente é feita de vários encontros, e ele fez o seu encontro lá também. Eu e minha esposa conversamos e percebemos que aconteceu algo, não é que ele tenha mudado em tudo, tenha voltado bonzinho, com vontade de estudar, mas tinha de verdade feito um encontro. Tanto que, na semana seguinte, no sábado, ele veio aqui fazer a venda da revista, e ele estava desejoso de fazer isso. Então, tem sido bonito perceber também como olhando os mais novos a gente também recupera o desejo de encontro, o desejo de encontrar essa Presença. Enfim, foi muito bonito e agradeço a vocês por isso.

Bracco: Agora que você falou, me lembrou da minha mãe. Porque quando eu encontrei o Movimento, foi porque eu fiquei marcado quando um dia eu escutei a história de João e André, mas eu era como o seu filho: não estudava nada, não era um tipo bonzinho... Mas, quando eu escutei a história de João e André, foi como um raio que caiu na minha cabeça. E eu voltei para casa e tinha me acontecido aquilo que está descrito lá, que nunca eles se sentiram tão levados a sério como aquele dia que encontraram Cristo, nunca se sentiram tão valorizados nas próprias exigências, que vieram à tona como nunca. Enquanto eu estava ouvindo isso senti que estava acontecendo em mim essa mesma coisa que aconteceu com eles, então eu voltei para casa com um desejo de viver assim como eles (João e André). E comecei a procurar todas as coisas escritas sobre João e André, de Dom Giussani, e comecei a escrever, minha mãe entrou no quarto e falou: “você está doido! Nunca escreveu nada na vida...” Ela achava que eu tinha tido um surto ou algo assim. Os meus amigos participam de grupos na paróquia, e eu ia lá jogar futebol, mas ia só às vezes aos encontros, mas, logo depois de ter me acontecido isso, eu comecei a ir aos encontros, e comecei a falar também, e o padre também ficou um pouco assustado porque comecei a falar coisas que tinha um certo sentido. Depois que aconteceu isso, passaram-se semanas, alguns meses, um dia a minha mãe (me lembro como se fosse hoje), eu tinha feito uma besteira, e ela disse: “mas que Movimento é esse?! Que você continua fazendo as mesmas besteiras de sempre!!”. Eu me lembro de que eu olhei para ela (não sorri porque senão eu iria apanhar muito) e dentro de mim eu estava sorrindo, porque eu sabia que não era verdade. Eu sou um outro mas ainda sou eu, ainda era eu: continuava a estudar mal, melhor mas sem mudar muito, continuava a fazer besteira, mas a maior mudança que pode te acontecer, ou que pode mudar os outros, é você perceber isso, que eu sou eu mas sou um outro. Esse é o maior sinal de que aconteceu alguma coisa. Então, também nós temos que ter esse olhar. O sinal de que estamos seguindo não é que agora a gente faz Escola de Comunidade todo dia, reza mais, vai a missa todo dia, não é isso, mas sim se você se surpreende em alguns momentos, talvez quando alguém te pega em uma incoerência, e você, quase sorrindo fala: eu sou eu, mas sou um

outro. E ninguém pode te tirar isso. Isso aqui é a coisa mais forte, o maior sinal de que Alguém nos pegou, para sempre.

Cleuza: Depois que o Bracco falou isso, de “eu não era eu...”, eu decidi falar. Vou contar rapidamente para vocês que lá na Associação a gente tem um grande problema, porque no passado a gente fazia um movimento de reivindicação, que não acontecia nada, fizeram um movimento de invadir terra e não aconteceu nada (quer dizer, aconteceu sim, novas favelas), e depois tivemos essa experiência de juntar as famílias e comprar uma terra. E isso deu um certo resultado, porque lá na nossa região a terra era muito barata e, com isso, a gente conseguiu comprar ao invés de invadir, conseguimos fazer os conjuntos; mas, cada vez fica mais burocrático porque a gente compra uma terra e depois a Prefeitura precisa fazer a aprovação, e aí começa todo o problema. Apesar de ser uma coisa muito simples (porque não é uma terra de manancial, ou área de risco, mas sim terra para construir), fizemos a solicitação mas o Prefeito não está aprovando, e a coisa não está andando. Tem 5 mil famílias, que passaram fome, gente pobre, miserável, que comprou a terra mas agora não pode construir a casa. Levamos documentos, voltamos com mais solicitações, todo tipo de burocracia. Então, pensou-se que era preciso fazer algum tipo de manifestação porque a coisa não saía do lugar. Eu tinha muita dúvida, porque nos últimos dois anos tem tido manifestação quase todo dia na cidade, de todos os tipos e tamanhos. Mas com todo esse caminho que a gente faz, de prestar atenção em tudo, de olhar para a realidade, a primeira coisa que fizemos foi uma peregrinação à Aparecida, pela nova rota num caminho muito lindo, 230 km. Na Associação fomos em catorze, e mais cinco que foram em dias alternados. E eu pedi a Nossa Senhora que me desse um sinal para eu ver se a manifestação tinha que ser feita. Quando voltei encontrei um rapaz, que é da Associação e está esperando aprovar o loteamento. Há 1 ano ele tinha emprego e perdeu, a esposa dele estava trabalhando, mas a empresa faliu, e ele teve um câncer que atingiu o braço, e veio na Associação para pedir um advogado porque estava sendo despejado. Tem câncer, desempregado, despejado, com um terreno na Associação, e eu pensei que isso era o limite! Iam acontecer os Exercícios e eu ainda tinha na cabeça alguma coisa e pensei “vamos ver o que o Carron traz para a gente”. E os Exercícios me confirmaram que o caminho era esse: um eu que se comove, um eu que se move, e fomos para a manifestação. Já saí dos Exercícios e fui para a Associação fazer o corte da roupa, porque todos íamos de preto, e às 4 horas nos concentramos na Associação e fomos para a Praça da República, de onde caminharíamos até o Palácio da Prefeitura. Chovia muito, mas estávamos lá. Todos me diziam para pegar o microfone e falar alguma coisa, mas eu não conseguia falar: porque eu era eu, mas não era eu. E eu já fiz muitas manifestações, em todas eu levava comigo, dentro de mim, um ódio, uma revolta (há 10 anos que eu não fazia manifestação), mas nessa não, nessa eu levava uma tranquilidade, era uma paz; e eu dizia “meu Deus, mas eu não sou eu”, uma manifestação precisa ser movida por ódio, rancor, revolta, para inflamar o povo, mas não teve essa coisa. Nós só rezamos, a manifestação foi com oração! Às 6 horas da manhã, na Praça da República, fizemos a oração, estava chovendo, e eu dizia “meu Deus, essa não sou eu, acho que já estou no paraíso!”. Aquilo não era uma manifestação, mas sim uma procissão, havia um silêncio, uma tranquilidade. E cantamos: *Romaria, Tocando em frente, Cálix Bento...* Quando chegamos lá na Prefeitura, em cinco minutos veio o Secretário para nos receber (coisa que não acontece sempre). Mas o mais incrível foi o que o Prefeito fez: ele pediu que entrássemos, e pediu que continuassem tocando as músicas. Quando nós entramos para falar com ele encontramos justamente um daqueles primeiros militantes do movimento de moradia, um que era muito próximo, que era nosso amigo, e ele estava na mesa. Ele me olhou e disse “Cleuza, quanto tempo!”, eu concordei “sim, muitos anos”, e ele continuou “você está bem?”. Eu respondi “olha, eu estou muito bem! Porque eu continuo no mesmo lugar, fazendo a mesma coisa, acreditando nas mesmas coisas, e você?” E ele abaixou a cabeça e não disse nada. Depois, no dia seguinte, teve uma outra reunião, e aquilo que não tinha acontecido nesse tempo todo, aconteceu em uma semana. Nós tivemos quatro reuniões, e a última informação, eu fiquei sabendo hoje, que a coisa andou, que os loteamentos estão quase aprovados. Tudo aquilo que a gente foi buscar aconteceu, e muito mais. Então foi mesmo um milagre, eu já não sabia o que fazer, porque estava

nas mãos dos técnicos a aprovação do loteamento, e, hoje, 5 mil famílias que já esperam desde o outro governo, há 5 ou 6 anos que estão esperando para construir, nos próximos dias já irão poder construir a casa. E o Movimento tem tudo a ver com tudo isso. Porque se faz muita manifestação em São Paulo, mas a nossa foi diferente. No Movimento eu fui educada para isso, nesses últimos 10 anos (faz 13 nos que eu encontrei o Movimento), eu tenho feito um caminho, de educação para a tolerância, que até a manifestação é diferente. Então, eu acho que é um caminho e eu devo muito ao Movimento de Comunhão e Libertação. Eu tenho muitos anos de Movimento dos Sem Terra, porque eu comecei quando eu tinha 15 anos de idade, mas hoje é diferente, porque eu já não tenho mais aquele ódio que eu tinha antes, aquela revolta, hoje eu tenho uma paz, uma tranquilidade, porque eu aprendi dentro do Movimento de CL que eu não sou responsável de fazer 10 mil casas, ou que 20 mil alunos se formem. Eu sou responsável pelo meu sim; e esse sim eu só consigo estando dentro do Movimento de CL, com a companhia das pessoas que gostam de mim e que me ajudam, e esse é o caminho que eu quero seguir; eu só quero agradecer a todos por a gente poder fazer esse caminho juntos.

Intervenção: Eu gostaria de contar um pouco como foi o trabalho do dia da venda da Revista Passos que eu participei. E, hoje, estava retomando a leitura da Escola de Comunidade e, na página 141, tem uma frase que me ajudou a entender um pouco mais a experiência que eu fiz; porque fala: “Sendo assim um modo para aprender o que é a Igreja total é ir até o fundo na experiência eclesial que uma pessoa encontrou...”, e me impressionou essa coisa que há 2 anos, com um pequeno grupo, estamos trabalhando para a revista, e o que vimos acontecer nesse período foi o crescimento de uma experiência de vida em todo o Brasil, nas diversas comunidades, como as pessoas estão se envolvendo mais. E, uma semana antes do Dia da Revista, criamos um grupo de WhatsApp e as pessoas iam escrevendo, contando como estavam organizando e as iniciativas que estavam tomando, as ideias de novos panfletos para divulgar a revista naqueles dias, e eu me dei conta que o que eu vivi aqui em São Paulo me ajudou a entender mais o que estava acontecendo nas outras comunidades, e, ao mesmo tempo, o que eu vi acontecer, através do relacionamento com essas pessoas (por exemplo, fazemos reuniões a cada 2 ou 3 meses por Skype, ou nos reunimos quando temos encontros nacionais), e me dava uma “inveja boa”, um desejo de que eu pudesse fazer a mesma experiência. E, aqui em São Paulo, tiveram dois momentos que me ajudaram, particularmente, que foram: uma universitária contou que, diante da provocação que o Bracco tinha lançado (“E você, de onde partiria para renovar o mundo?”) e vendo a situação da greve na USP, ela tinha entendido que não sabia responder essa pergunta, que ela não sabe como estar diante da greve e nem dessa pergunta, mas isso tinha a ajudado a decidir participar do dia da venda da revista, porque queria uma ajuda para encarar a greve. Isso me comoveu muito porque não há nada mais importante do que desejar que a vida seja unida; não é que a venda da revista seja algo que você tem que fazer, mas que a vida possa ter essa unidade. E a segunda coisa, que me ajudou muito, foi que um dia duas amigas me ligaram e me disseram que não entendiam o porquê tinham que fazer o dia da venda da revista, e que gostariam de me encontrar para que eu explicasse melhor a elas, que eu contasse qual era a minha experiência. E eu fiquei muito grata porque eu pensei que, provavelmente, tem muitas pessoas que têm a mesma pergunta mas que bom que tem alguém que se coloque essa pergunta. E isso, primeiro, me ajuda a ser mais consciente do porque eu faço isso; e, segundo, porque ajuda a que um gesto seja vivido mais profundamente, mais intensamente. Essas foram duas coisas que me ajudaram muito. Depois, outra coisa é que, também levando em conta essa provocação delas, fomos vender a revista na Avenida Paulista, com algumas pessoas, e para mim essa foi a ocasião que me possibilitou estar diante da pergunta do cartaz, porque, ali, as pessoas não são como na Igreja, que vão à missa e saem correndo, mas as pessoas estavam passeando e isso permitiu um diálogo. E foi muito interessante, porque conversamos com muitas pessoas, em duas horas vendemos 7 revistas, mas o mais importante para mim foi a possibilidade de compartilhar de verdade uma experiência, foi uma possibilidade de encontro. Deixamos nosso contato com algumas pessoas e dissemos que poderiam nos escrever, para que fossem livres para que nascesse um diálogo. Vinte e cinco comunidades participaram da venda da revista, e, na noite

de domingo, chegaram todas as mensagens, muitas fotos, e eu me perguntei o que era tudo aquilo que estava acontecendo, tudo aquilo que me comoveu muito. E me impressionou muito que, primeiro, nós tínhamos trabalhado muito para que esse gesto acontecesse, e, nesses 2 anos nasceu uma amizade muito profunda que, aos poucos, sempre aumenta e atrai sempre um número maior de pessoas (por exemplo, o cartaz desse ano não foi elaborado por uma pessoa, mas sim por dez pessoas de diferentes cidades), mas também não foi só isso: para mim, todo esse trabalho que se faz, depois, o que o move? O que faz com que possa acontecer o que aconteceu hoje? Então, para mim, isso me abriu mais uma pergunta: mas quem é Você? Quem é Você que move todas essas liberdades? Não são todos que se movem, mas move algumas liberdades, isso me tocou muito. E, depois, sobre o tema da misericórdia. Como um amigo falava, no outro dia, vender a revista é mais difícil que fazer a Coleta de Alimentos, porque a Coleta é uma coisa que se entende mais, mas a venda da revista é como propor a nossa experiência, e isso é mais dramático. Então, para mim, foi a possibilidade de, seja falando do Movimento com essas pessoas ou escutando a experiência do outro, fazer a experiência da misericórdia; a misericórdia de Cristo que me alcança através da necessidade que essas pessoas têm, e do fato de que na minha vida aconteceu algo, que não estou sozinha mas que estou com outras pessoas para poder viver e compartilhar essa experiência.

Bracco: Eu queria dizer uma coisa sobre esse Dia da Revista. Primeiro porque me marcou muito que parece que já nos acostumamos e vivemos bem com essa situação crítica, econômica, política, mas hoje um rapaz entrou em uma boate nos EUA e matou 50 pessoas. Isso mostra que é uma crise que não é só aqui, é como se, cada vez mais, tivéssemos sinais de que quando se perde o sentido da vida, se perde tudo. Mas como é que isso me provoca? Como é que cada um de nós pode viver? Escutar essas coisas, também viver mergulhados nessa crise (porque todo dia somos provocados, uns mais, e outros menos), feridos por aquilo que acontece. Mas nós podemos viver e nunca nos perguntar: mas o que eu acho que pode ajudar o mundo? Qual é a minha ideia, qual é o meu juízo sobre aquilo que está acontecendo? De onde pode vir a salvação, numa situação assim? Qual é a resposta que vocês têm? Não a resposta do Carrón, não a do Papa, não a dos amigos influentes ou que sabem bem dessas coisas, mas a sua posição pessoal, nesse momento, qual é? Qual é a razão da sua esperança para continuar a viver, e poder falar para um outro que vale a pena? De onde renasce uma sociedade que está em pedaços? Cada um tem que pensar: qual é a minha resposta? Mas uma resposta sincera, verdadeira; e tem que ser sincero também de falar que não saberia responder. Então, eu posso pensar no Dia da Revista como um gesto que, mais uma vez, me pesa, que temos que fazer para ajudar a revista que está com dificuldades, porque no Movimento estão mandando fazer isso, ou eu posso perceber, por graça, que esse é mais o estremecimento de Alguém que está me jogando misericórdia. É o estremecer da misericórdia, de Alguém que não se cansa, e continua me dando possibilidades, gestos, para eu poder me dar conta de algo, para eu poder começar a ver como Ele vê, para eu começar a ser a esperança que Ele é no mundo. E essa Revista foi pensada com essa pergunta, para nos ajudar a ter essa pergunta em primeiro lugar; e a ver se é uma pergunta razoável, e tentar ver, com a nossa experiência, qual é a resposta que temos. Nós, como companhia, e cada um, porque todo dia, além do nosso trabalho, além da construção da nossa família, além dos objetivos que temos que alcançar, mas por que estamos no mundo? Cada um de nós sozinhos, e nós juntos, em um mundo que está sem esperança. Cada vez mais, o mundo está gritando que está precisando de respostas a essa pergunta, e nós estamos dentro também, porque nós também, muitas vezes, estamos sem esperança; nós somos os primeiros que mergulhamos dentro da Igreja, do Movimento e etc, mas, muitas vezes, não temos a resposta. Por quê? Porque é uma coisa atrás da outra, mesmo com toda a fadiga que é, tem a vantagem de te anestesiarem um pouco, porque, se eu fico pensando, eu sofro. E o que pensou Alguém, que é o Mistério, de me colocar uma pergunta, que incomoda; de me colocar uma pergunta para que eu veja a minha resposta, descobrir, é para que possamos descobrir. E me coloca um gesto que me ajuda também, porque quando você “é misericórdia, você é misericordiado” (isso que falou o Papa), porque quando você abre a porta, não é só para sair, entram coisas também. Quando se faz a caritativa, você se doa, e nesse se doar você abre a porta para que entre algo, entre mais, se torne mais atento. Então, temos que nos ajudar

sempre a ver a raiz de cada gesto, porque nós podemos ter vivido esse gesto como mais uma coisa, ou até mesmo nem considerá-lo, ou alguns entre nós – talvez solicitados ou porque entenderam – pegaram um pouco dessa chuva, desse estremecimento, dessa misericórdia. Porque a misericórdia de Cristo chega até nós através de um gesto depois do outro, mas nós fechamos as portas, muitas vezes. Podemos estar aqui chateados por alguma coisa, tristes por algo que aconteceu, e aqui tem Alguém que quer te dar toda a misericórdia do mundo, mas sou eu quem tenho que me abrir. Esta é a única coisa que Cristo me pede para me invadir: se eu tenho a porta fechada ou não. Por isso que o Papa é impressionante, ele sempre vê uma possibilidade, sempre tem uma possibilidade, mesmo que tenhamos uma porta fechada, mas sempre tem algo que possamos ver juntos, algo que podemos percorrer juntos, tem um passo que podemos fazer juntos. E como é que aprendemos isso? A gente se deixa estremecer, se deixa invadir. Como? Através dos gestos, através daquilo que me mandam para eu ler, através das palavras de alguém, do fato de estarmos aqui. Não são coisas pequenas, opcionais, nós estamos rodeados, estamos sempre agraciados por milhares de gestos que Cristo quer fazer conosco. Nós temos que pedir essa abertura, aprender a ter essa abertura, a ser um eu comovido. E quando é assim, você começa a ver coisas que ninguém vê, começa a enxergar coisas que não enxergava. Isso é aquilo que faz Cristo: te recria um coração, que os meus pecados, não considerados por um medo, tinham furado. Ele te refaz um coração para ser um balde para a misericórdia ficar armazenada, e essa é uma graça que temos.